

ROUPA DE MUSEU: PROPOSIÇÕES INICIAIS PARA UMA ARQUEOLOGIA

Clothes museum: initial proposals for archaeology

ANDREA LOMEU PORTELA

Resumo

Apresentamos as ideias preliminares da pesquisa desenvolvida no doutorado em Ciências Sociais - UFJF, o ponto de partida para uma arqueologia do acervo de indumentária do Museu Mariano Procópio - MMP, de Juiz de Fora, um cenário novo para os estudiosos da indumentária por estar localizado no interior do país e que só é possível ser investigado graças à visão do colecionador Alfredo Lage que selecionou, conservou e doou estes objetos ao poder público, inaugurando um dos principais museus do período imperial. Trata-se de um museu histórico que guarda, entre suas preciosidades, algumas peças de indumentária do século XIX. Em meio a extenso universo de objetos, tomamos as roupas do museu como protagonistas, considerando-as complexas fontes culturais que, como tal, precisam ser exploradas. O trabalho etnográfico que vem sendo realizado tem como principal desafio a fragilidade dos objetos têxteis, além das limitações documentais e de acessibilidade impostas pelo tempo. Mas acreditamos que o estudo destas roupas, através da cultura material, muito tem a dizer sobre a História da Indumentária e da Moda que se processa no Brasil do século XIX.

Palavras-chave

Roupa de Museu. Cultura Material. História da Indumentária.

Abstract

We present the preliminary ideas of the research developed in the PhD in Social Sciences - UFJF, the starting point for an archeology of outfit collection of the Museum Mariano Procópio - MMP, Juiz de Fora, a new scenario for scholars of clothing because it is located within the country and that can only be investigated through the collector's vision Alfredo Lage that selected, preserved and donated these objects to the public sector, inaugurating one of the leading museums of the imperial period. It is a historical museum that holds, among its treasures, a few pieces of clothing of the nineteenth century. In the middle of an extensive universe of objects, we take the museum's clothes as protagonists, considering it a complex cultural sources that, as such, need to be explored. The ethnographic work that has been done has as main challenge the fragility of textile objects, in addition to the documentary and accessibility limitations imposed by time. But we believe that the study of these clothes, through material culture, has much to say about the History of Clothing and Fashion that takes place in nineteenth-century Brazil.

Keywords

Clothing Museum. Material Culture. History of Clothing.

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentamos os arranjos iniciais de uma pesquisa que se encontra em andamento no programa de doutorado em Ciências Sociais da UFJF, na linha de pesquisa diversidade e fronteiras conceituais, tomando a antropologia como roteiro fundamental para a realização do trabalho através das proposições da Cultura Material.

Este estudo se fez necessário a partir das lacunas encontradas na prática profissional no ensino da disciplina História da Indumentária que carece de informações e proposições metodológicas consistentes e informações coerentes em relação a nossa realidade singular. O desafio seria experimentarmos, na coleção de indumentária do Museu Mariano Procópio (MMP), caminhos que preencham algumas lacunas que o estudo da indumentária nos apresenta.

Sob o título “O manto real dos trópicos: uma arqueologia das roupas do Museu Mariano Procópio”, a pesquisa pretende percorrer a trajetória das roupas deste museu, tanto como objetos como documentos históricos pertencentes ao século XIX, suas texturas e contextos humanos e sociais.

Trata-se de um quadro particularmente brasileiro, na tentativa de somarmos informações para entendermos como se processa a história do vestuário em nosso país, quando as fontes de conhecimento e informação são ainda escassas, por vezes, insustentáveis dentro dos parâmetros das ciências sociais. Encontramos uma fragilidade no arcabouço teórico, criticado, sobretudo, por sua natureza empírica e excessivamente descritiva (VACCARI, 2008).

O estudo do vestuário reclama fontes mais precisas. Segundo Rita Andrade (2008), as contribuições para a história do vestuário produzidas no país são fragmentadas, sem a inscrição da história da roupa, nem mesmo a partir da colonização portuguesa. Não temos uma tradição de estudo como o têm outros países como França, Inglaterra, Estados Unidos.

As tramas destas roupas revelariam as aproximações e distinções dos conceitos que utilizaremos no que diz respeito à história da roupa e da moda.

Nosso objetivo é fornecer informações novas, num universo pouco explorado, sem tradição de estudos no país.

Acreditamos que as evidências materiais que serão encontradas nesta pesquisa, confrontadas ao estudo bibliográfico, podem fornecer dados relevantes sobre as roupas vestidas no Brasil no século XIX além das repercussões relacionadas aos usos e modismos.

Seria possível recuperarmos dados sobre a incrementação da produção têxtil que, inicialmente, se impulsiona para atender à moda. A cidade de Juiz de Fora possuía mais de 160 indústrias e era considerada a maior de Minas Gerais na última década do século XIX. Tendo sido polo industrial e cultural do período, ganhou diversos títulos como de “Princesa de Minas, Princesa do Paraibuna, Manchester Mineira, Barcelona Mineira e Atenas de Minas” (TRIBUNA DE MINAS 1996, p. 91).

Este universo que emerge cultura é o cenário para muitos colecionadores e espaços de cultura como instituições museológicas. Um museu fazia parte do tipo de investimento que toda cidade industrializada se preocupava em fazer, tanto quanto outras instituições necessárias, como colégios, hospitais, cinemas ou teatros. É neste contexto que nasce o museu Mariano Procópio.

Fato que pode tomar um caminho à parte neste universo em particular, dado a este pioneirismo da indústria têxtil numa cidade localizada no interior de Minas Gerais, o que abre espaço para o conhecimento de novos cenários históricos do Brasil que dão destaque ao indumento.

NOTAS SOBRE MODA E A HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA NO BRASIL

No Brasil do século XIX, com a abertura dos portos para os comerciantes estrangeiros, começaram a surgir inúmeros estabelecimentos comerciais para atender a ‘demanda reprimida’ de vaidade dando oportunidade de ostentação para a aristocracia, e para negros e ‘gente de cor’, de trabalhar nos cuidados do vestuário em geral (cortar e costurar, bordar, fazer rendas de bilro, consertar vestimentas usadas etc.), trabalho que “lhes valeram uma oportunidade de inserção social” (RASPANTI, 2011, p.217, grifos do autor).

No Brasil colonial, a parcela da população que desejava ser reconhecida como nobre tentava reproduzir a nobreza europeia, para tal, não

se misturavam com negros e índios da terra que eram chamados de “negros da terra”. O objetivo era se distinguir da “gentalha de cor” ou “gente de cor”, como se dizia na época. Com o tempo, o dinheiro e a posse de terras vieram a proporcionar certo “branqueamento social”, como o fato ficou conhecido, tendo estes se distanciado do estigma da cor. A indumentária também ajudava neste tipo de inserção social (RASPANTI, 2011, p.190).

O século XIX é o período de parte significativa das roupas do MMP, portanto, se faz primordial entendermos o que se processou nas modas e modos influentes no país. Esta época representa, para a História da Indumentária e da Moda, significativa transformação, pois modelam nossos modos dentro de um sistema novo que se expande até se mostrar tal como é hoje. Período de grandes transformações sociais, do conhecimento e das tecnologias, que repercutem em novas representações de prestígio social e de mentalidades refletidas nos modos de apresentação e de composição do vestuário. Modos que chegarão ao Brasil, em primeira instância, pelos modos e modas da família imperial.

Apesar das influências estrangeiras, desconfia-se de que não possamos descobrir peculiaridades ao se pesquisar as roupas e os artefatos usados por aqui, como adaptações, misturas, criação ou gostos singulares. Como na ideia de “abrasileiramento” dos modos importados de que trata Gilberto Freyre (2009). Relatos de visitantes estrangeiros também dão informações sobre as preferências de brasileiros a respeito do vestuário, muitas negativas, como informa Márcia Pinna Raspanti (2011).

Cientistas sociais como Gilda de Mello e Souza (1987) e Gilles Lipovetsky (2007), afirmam que é em meados da Idade Média que o homem desperta o interesse pelo vestir para atender a exigências estéticas e promovendo, a partir daí, uma mobilidade de gostos e a instalação de ciclos breves de moda. Este fenômeno Ocidental acionou uma máquina de transformações que opera, até os dias de hoje, num ritmo cada vez mais acelerado.

O fenômeno Moda se relaciona a um conjunto de fatores dentro do funcionamento social, Denise Pollini (2007, p.16) diz que o modo de vestir, em qualquer época, se relaciona com os aspectos sociais e culturais determinados

pela maneira de pensar do período, à moda interessa mais este conjunto de fatores do que propriamente as roupas.

A expansão, complexidade e risco de esvaziamento do conceito de moda, pela variedade de usos, leva a pensar na memória como método para tratar deste fenômeno em múltiplas perspectivas. Desde seu surgimento, a Moda vem sendo abordada por enfoques empobrecedores para a compreensão de suas sucessivas variações, repetidamente vinculados a estratégias de distinção social quando, mais precisamente, o foco deveria ser dado na ligação de dois outros fatores fundamentais, característicos da modernidade. Segundo Lipovetsky (2007), estes dois fatores seriam: a relevância do novo e a expressão da individualidade.

Esta problemática reclama novas abordagens da História da Moda, motivo pelo qual buscamos nos conduzir pela trajetória social dos objetos proposta por antropólogos como Arjun Appaduraie Igor Kopytoff que afirmam ser possível fazer perguntas às coisas, assim como se faz ao fazer uma biografia de uma pessoa. Sociologicamente, é possível perguntar acerca das possibilidades biográficas que se concretizam no status, época e cultura de um objeto. De onde vem e a que se destina; quem fabricou; suas idades e fases da vida; seu uso e o que acontece quando sua utilização não é mais necessária. Ou seja, é preciso “seguir as coisas por si mesmas” (KOPYTOFF, 2008, p.92).

O que estas roupas teriam a nos dizer?

A ROUPA NAS DIMENSÕES DA CULTURA MATERIAL: MEMÓRIA E CONCRETUDE

As roupas são as mais importantes fontes materiais na pesquisa histórica da indumentária. Segundo a convicção do historiador da indumentária, Carl Kölher (1996, p. 53), nada senão a própria indumentária, quando acessível, teria maior legitimidade ao se levantar as concepções relativas ao vestuário que prevalece em cada período da história, pois estamos sempre propensos a fazer prevalecer nossas modernas concepções diante dos trajes do passado.

Rita Andrade (2008) aponta ainda a importância de se estudar a roupa mais diretamente, diz que o objeto como dado primário da pesquisa possibilita identificar aspectos de forma bastante específica que somente o contato com a

roupa pode garantir, como modelagem, técnicas de costura, tecelagem e estamparia, fibras e fios.

Diante destes pontos de vista percebemos a potencialidade dos objetos de guardar e revelar não só informações classificáveis, mas formas sensíveis, construindo subjetividades individuais e coletivas.

A descrição etnográfica dos usos, tanto coletivos quanto individuais, dos objetos materiais na interpretação antropológica de formas de vida social e cultural evidencia, como acredita Gonçalves (2007, p. 8), que os objetos não só realizam funções práticas indispensáveis, mas que suas funções simbólicas são pré-condições estruturais para o exercício das primeiras.

Os objetos fabricados pelos homens nasceram de necessidades humanas que podem ser entendidas através do estudo desses objetos. As peças de vestuário, por exemplo, muito têm a dizer sobre nosso modo de vida, pois documentam nossa passagem pelo tempo e constituem importante fonte de conhecimento sobre funcionalidade, tecnologia, estética, estratégias de uso, poder, luta e prazer frequentemente atualizados nos enfrentamentos cotidianos.

A roupa como memória é aquela que aciona uma magia nos indivíduos, resgatando - como um retrato - lembranças de tempos, documentando não somente a constituição de uma peça vestimentar, mas também a construção social que nela se imprime. Seria a memória coletiva, a própria cultura que se desenha e que se revela ao mesmo tempo no artífice, no instrumento com que ele molda e no objeto que vai sendo moldado.

Como na moralidade das coisas descrita por Roy Wagner (2010, p. 76), onde ferramentas não são instrumentos meramente utilitários, já que constroem seus usuários no ato da utilização. Para ele, os objetos são capazes de “usar” os seres humanos, “brinquedos brincam com as crianças, e que armas nos estimulam à luta”, assim, os instrumentos seriam responsáveis por objetivar nossas habilidades. Além disso, através dos objetos, incorporamos o conjunto de valores, atitudes e sentimentos dos que os inventaram, os usaram, os conheceram, os desejaram e os deram a nós.

Ao pensar a roupa precisamos - conjuntamente - levar em conta tanto o homem que a veste quanto o homem que a consome, esperando que para a moda não baste somente à roupa. Mas, mesmo considerando que na história

toda construção é provisória, a roupa vem sofrendo um tipo de amnésia, melhor dizendo, esfacela-se precocemente frente aos apelos mercadológicos; esquecemos de que as roupas podem seguir por modalidades múltiplas, outras vidas revividas, em memórias, sentimentos, imagens e sobrevidas. Seria preciso lançar novos olhares sobre os objetos, sobre as roupas - como as que estão em questão.

Arjun Appadurai (2008, p.22), em *A vida social das coisas*, propõe pensar a mercadoria como qualquer coisa destinada à troca nos libertando da preocupação com o produto, a produção e a intenção original do produto. Desta forma, as mercadorias podem ser trocadas por dinheiro, por outras coisas e até por pessoas. Appadurai tem um conceito de mercadoria que rompe com a visão marxista dominada pela perspectiva da produção, por isto, ele busca concentrar-se em toda trajetória, desde a produção, passando pela troca, distribuição e consumo (2008, p. 27).

Nossa trajetória parte de roupas que estão em um espaço museal traçando especificidade acentuada, embora possam ser percebidas por diferentes contextos como o material, o sociocultural e o museológico, de forma conjunta.

Por este motivo, fazemos da cultura material nosso principal instrumento, tentando revelar, através das roupas, a dimensão concreta de seus contornos e das relações sociais que possivelmente se estabeleceram ao redor.

MUSEU MARIANO PROCÓPIO E A COLEÇÃO DE INDUMENTÁRIA NO CENÁRIO DAS “ARTES DECORATIVAS” DO SÉCULO XIX

O Museu Mariano Procópio (MMP) tem relevância, tanto nacional quanto internacional, pelo seu variado acervo do Brasil Império.

Segundo Rogério Pinto (2008), o seu fundador Alfredo Lage era um monarquista convicto que primava não só pela preocupação artística e histórica, mas pelo desejo de ressaltar e celebrar o valor do caráter passado da nobreza. Alfredo Ferreira Lage (1865-1944) foi advogado, jornalista e fotógrafo, filho de Mariano Procópio Ferreira Lage (1821-1871) engenheiro e político que dá nome ao museu. Alfredo Lage era um colecionista como era prática na época, um modismo que herdou do pai, e desde criança se interessou por

artefatos ligados a história natural. Mais tarde, dedicou-se a selecionar peças de caráter histórico e artístico.

No século XVIII, os museus tinham o propósito etnográfico e se guiavam pelo interesse de conhecer a essência das identidades étnicas. Já nos séculos XIX e XX, surge outra atitude cultural, sendo as artes decorativas que irão legitimar a função - missão didática - de objetos que pertenceriam a histórias e geografias diferentes entre si (VACCARI, 2008, p.97). Provavelmente, dentre a variedade de coleções de Alfredo Lage, a coleção de indumentária tenha sido mantida nesta perspectiva, como conjunto de vestuário, ornamentos de adorno, entre outros aparatos decorativos. Não exatamente pelo interesse como roupa em si.

As coleções de Alfredo Lage iniciaram com seu pai com coleções de moedas, medalhas, cerâmicas, condecorações, joias, indumentária, peças de mineralogia, candelabros, armas, animais taxidermados, fotografias, Belas Artes entre outras. Uma lista bastante extensa, da qual podemos traçar outra lista, que permita pensar num sentido de coisas que deslocam a atenção das roupas para suas representações e conferindo-lhes um caráter de artigo de adorno pessoal, por isso, as roupas - junto com seus aparatos decorativos - talvez tenham este tipo de relação de interesse para com o museu. Como artes decorativas que incluem gravuras e ilustrações, como exemplos de representação de roupas. Estas representações ganham um interesse especial, pois são fontes de estudo tanto do desenho quanto de difusão da moda.

Segundo Alessandra Vaccari (2008), o corrente uso da expressão “artes decorativas” faz referência a objetos do passado devido à estreita relação entre o vestuário e as artes decorativas. Nos últimos setenta anos, a expressão arte decorativa foi substituída por design (ibidem, p.97), no entanto, objetos antigos podem ainda receber o rótulo de artes decorativas por englobar uma variedade muito grande de objetos. Deste modo, acredita-se que as coleções de fotografias, joias, bengalas e Belas Artes, por exemplo, do MMP, são importantes fragmentos que contribuirão sobremaneira com a pesquisa.

A coleção de indumentária inclui atualmente 125 (cento e vinte cinco) peças de roupas, em sua maioria composta de peças militares, onde se

destaca o Fardão da Maioridade usado por D. Pedro II em 1841, na cerimônia que o considerou apto para assumir o Império do Brasil.

O Fardão da Maioridade talvez possa ser considerado a maior representação estética de propaganda de governo que transformou a colônia em Reino Unido. Considerando as palavras de Lilia Moritz Schwarcz, em seu livro *As Barbas do Imperador*, “Dom Pedro não nasceu, foi fundado” (1998). Os estudos sobre as representações de poder e das artimanhas políticas que podem ser lidas no período ainda relegam a subcategoria objetos como as roupas ou, ao menos, ainda não lhes foram destinados olhares mais atentos.

Além dos trajes da coroação, da maioridade e do casamento de Dom Pedro II, o Museu Mariano Procópio também guarda uma calda da roupa de corte da Princesa Isabel, feita de chamalote, seda e fios dourados.

Segundo Rogério Pinto (2008), as aquisições de Alfredo Lage ocorreram de diferentes maneiras, nem sempre com registro preciso. Embora estas datas não estejam especificadas nos arquivos do acervo, podemos pressupor seu período original a partir de outros indícios (período de vida dos usuários, modelos dos trajes e materiais utilizados, entre outras evidências).

No caso das vestes de D. Pedro II, se deu de forma custosa, pois valeram muita discussão na época, muito esforço na aquisição e a quantia de 10:000\$ (dez contos de réis). Esta incorporação se deu em 1926 e possui singular importância na coleção. Houve preocupação imediata com o acondicionamento das peças, tendo sido construídos armários decorados ao estilo Império e ornados de bronze dourado. Para Rogério Pinto (2008, p.185), se não fosse por Alfredo Lage estas vestes teriam desaparecido ou estariam fora do país.

Embora não se saiba a origem de todas as peças da coleção, é preciso considerar que Alfredo Lage era conhecido por ser bastante metódico nas suas escolhas e muito preocupado com o valor histórico de suas preciosidades.

Chamou-nos especial atenção, as peças pertencentes à Baronesa de Suruhy, Dona Carlota Guilhermina de Lima e Silva (1817-1894), irmã de duque de Caxias e dama de honra da imperatriz Teresa Cristina, o conjunto consta de uma pala, uma blusa-corpete (parte superior) e uma saia (parte inferior), cosidas em seda, cambraia de linho, tule, renda e bordada com fio metálico prateado, lantejoulas e com colchetes no acabamento.

Segundo dados do acervo do MMP, a origem de muitas destas peças e ornados são provenientes das famosas ruas do centro do Rio de Janeiro. A moda feminina do período era dominada pelos franceses e a masculina pelos ingleses. Conforme Raspanti (2011), no Brasil do século XIX, os ingleses detinham as vendas dos artigos da Rua da Direita e da Alfândega. Já os franceses dominavam a Rua do Ouvidor.

Destacamos também peças de D. Maria Amália (1834-1914), mãe de Alfredo Lage, com indícios do estilo alternativo inglês do século XIX, este estilo pode ser compreendido como um conjunto de sinais extraídos do vestuário masculino composto de itens separados, ou seja, em conjunto (CRANE, 2006, p. 202). Fato importante por apontar certa democratização da moda no período.

O acervo conta ainda com as fardas do conselheiro Afonso Penna, as do Visconde de Lima Duarte e o uniforme do médico de Pedro II, o conde de Mota Maia.

O acervo dispõe também de artefatos como bengalas, chapéus, leques, joias e sapatos usados na época do império. O chapéu tinha muito destaque entre os mimos femininos. E os enfeites de penas coloridas eram cobiçados, as penas consideradas exóticas pelos europeus, ainda eram elaboradas com a habilidade e criatividade dos artesãos brasileiros (RASPANTI, 2011). Na época, as manufaturas de leques se localizavam no Rio de Janeiro e Salvador e estes se tornaram populares a partir de 1860.

Entre os têxteis, como curiosidade, já que não fazem parte da pesquisa, destaca-se “*uma cortina de crivo em labirinto serzido onde se lê Independência ou morte! – 1822-1922*”, apresentada pelo governo do Ceará numa exposição, em 1924, em Bruxelas (PINTO, 2008).

Acreditamos ser possível dar destaque a algumas peças sem abandonarmos a ideia de coleção, o que pode ser fundamental por questões de acessibilidade, tanto das peças quanto a documentos, além de informações biográficas ou de relatórios de restauro.

O Museu Mariano Procópio é um museu histórico, um dos mais antigos do Brasil e o primeiro de Minas Gerais (Revista EM VOGA, 2001), possui um acervo de valor inestimável e um dos mais diversificados do país, com uma estimativa de cerca de 50 mil itens. A doação de Alfredo Lage se deu

integralmente para o município, e foi concluída em 1936, incluindo o prédio e os seus jardins.

O museu é nosso ponto de partida. E apesar de se encontrar parcialmente fechado ao público, em processo de reforma, muitas ações são ali realizadas.

O fechamento do parque se deu em 2006, sendo reaberto em 2008. As obras dos prédios se iniciaram em 2008 e continuam em andamento juntamente com diversos projetos de catalogação, restauro e conservação.

Atualmente, o órgão gestor é a Fundação Museu Mariano Procópio (MAPRO).

Muitas pesquisas têm sido realizadas através de parceria com a UFJF e outras instituições e, aos poucos, surgem novas pesquisas sobre as coleções, sempre trabalhando dentro das limitações impostas pelas condições do museu.

Com nossa pesquisa não foi diferente. O acesso ao acervo documentário pressupõe obstáculos típicos a serem enfrentados, sobretudo por se tratar de peças de indumentária, muito frágeis e com limitações quanto às condições de conservação. Algumas peças não mais possuem condições de manuseio.

Há de se percorrer diferentes recontextualizações históricas pelas quais passaram as roupas do museu, desde a concepção, a construção, uso até a formação da coleção e sua função atual no museu.

O maior desafio talvez seja encontrar os dados documentais de aquisição das peças pela falta de acessibilidade de alguns setores da instituição, embora saibamos que Alfredo Lage frequentava importantes casas de leilões e que os objetos que se encontravam no Rio de Janeiro antes de terem sido levados para Juiz de Fora, no ano de 1914.

Desde 1914 até sua morte, o colecionador Alfredo Lage havia conseguido reunir 13.345 objetos. A organização das coleções foi realizada por seções (PINTO, 2008).

O documento mais importante em relação a elas é um arrolamento realizado em 1944.

A fim de dar andamento a projetos de conservação e restauro foi feito um levantamento em caderno planilha do qual retiramos as informações sobre

a coleção de Objetos Pessoais, coleção específica onde estão inseridas as roupas e outras peças de indumentária. A planilha foi realizada entre 2010 e 2013.

Em relação ao Arquivo Fotográfico do museu MMP podemos dizer que é uma das principais fontes de dados, possui 35 mil imagens e colaborará fortemente com nossa pesquisa porque a família Ferreira Lage foi retratada por grandes fotógrafos do século XIX. Grande parte das fotografias se origina no acervo particular da família e foram incorporadas ao acervo do museu.

Esta coleção de fotografias se compõe por 45 itens com formatos de *carte-de-visite*, *carte cabinet*, *carte imperial*, fotografias e cartões postais. O grande volume de fotografias também se dá pelo fato de Alfredo Ferreira Lage e seu irmão Frederico terem sido fotógrafos amadores.

O Arquivo Histórico do MMP foi criado em 1939 e o Arquivo Fotográfico ganhou espaço específico em 1980. Em 2007, este acervo passou por tratamento de conservação e atualmente, desde 2011, o trabalho que ali é realizado enfatiza a digitalização, pesquisa, identificação e elaboração de catálogos temáticos.

É em meio a este processo que buscamos as informações para a pesquisa. No entanto, há muito que se investigar entre as fotografias, já que muitos personagens ainda não foram identificados.

Os retratos em pintura também ajudam a identificar elementos de uso das roupas e dados de personagens.

O arquivo histórico é mantido com pouca acessibilidade, embora contribua com alguns achados importantes, como notas de aquisição e conserto de roupas e algumas cartas que dão informações importantes sobre os personagens que se põem em evidência nas tramas históricas de nossas roupas.

Outros arquivos de memória da cidade também serão checados, sobretudo no acervo de revistas e jornais da época.

POR FIM, OS MEIOS PARA OS PRIMEIROS PASSOS ARQUEOLÓGICOS

A análise material fornecerá dados fundamentais para compreendermos o legado que estes exemplares de indumentária documentam e as nuances singulares desenvolvidas nos circuitos por onde

transitaram, assim como nos confins em que permanecem como fontes de informações, documentando o tempo, a cultura e a vivência dos corpos que ali se moldaram.

A roupa de museu é um dado presente que pode dar início a um percurso exploratório que esbarra em instâncias teóricas diferentes, mas complementares, pois são atravessadas e constantemente costuradas pelo homem.

O desafio metodológico atravessa a antropologia dos objetos e o método etnográfico na forma de gerir os dados desde a coleta das informações, na elaboração de um sistema de análise capaz de interpretar as informações obtidas. Esta organização contribuirá com o diálogo entre as várias instâncias teóricas envolvidas na construção de uma narrativa dos objetos.

Pretendemos recuperar dados utilizando toda a potencialidade simbólica das roupas para estabelecer uma conversa com os homens, como para Lévi-Strauss “não se podem estudar os deuses e ignorar suas imagens; os ritos, sem analisar os objetos e as substâncias que o oficiante fabrica e manipula; regras sociais, independentemente de coisas que lhes correspondem” (1965, p.05). É preciso olhar, organizar e discutir os dados, esgotando toda capacidade da roupa para construir sua narrativa.

Sabemos que diferentes contextos deslocam as roupas para diferentes significações e diferentes suportes de informação, sobretudo no caso das roupas de museu que percorreram trajetórias singulares antes de chegarem até ali, considerando que “não temos museus em função dos objetos que eles contêm, mas em virtude dos conceitos ou ideias que esses objetos ajudam a transmitir (SOLA, 1986, p.25)”.

Os objetos museológicos são entendidos fora do contexto material para o qual foram concebidos, mas separados como valor, “as coleções dos museus são representadas por objetos da cultura material (...) que são signos da cultura porque foram usados por mitos e heróis da nossa história, perdidos no passado, guardados em vitrines para serem contemplados” (NASCIMENTO, 1994, p.09).

A opção de investigar roupas em museu se faz por acreditarmos na roupa como uma complexa fonte cultural, cuja potencialidade enquanto tal

precisa ser testada. Preliminarmente, pensamos na “trajetória” destas roupas, enquanto coleção, como proposta de Arjun Appadurai (2008). Entretanto, a pesquisa encontra-se em fase inicial e, provavelmente, novos recortes estão por vir.

Apesar dos museus estarem na pauta dos discursos, sobretudo no interesse que as roupas geram potencializando novos públicos, reforço nosso interesse pelas roupas como protagonistas, e que talvez possam ajudar a renovar o repertório de estudo e pesquisa da História da Indumentária e da Moda, sobretudo no Brasil, assim acreditamos.

Devemos esta possibilidade de estudo, assim como a possibilidade de pesquisas futuras, ao colecionador Alfredo Lage, que as selecionou, conservou e doou ao poder público entre tantos outros tesouros. Graças a ele, hoje podemos estudar estas roupas de forma concreta e, diante de nossa visualidade, não nos limitarmos aos textos que nos condicionam ao imaginário contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rita Morais de. **Bouè Souers RG 7091**: a biografia cultural de um vestido. 2008. 224f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva material. Tradução: Agatha Bacelar – Niterói: Ed. Universidade Federal Fluminense, 2008.

CRANE, Diane. **A Moda e seu papel social**: classe, gênero e identidades das roupas. Tradução: Cristiana Coimbra. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem & modas de mulher**. 2 ed. São Paulo: Global editora, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo S. Teorias antropológicas e objetos materiais. Em: **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Museu, memória e cidadania, 2007. 256p. Disponível em: < nau.ufsc.br/files/2010/09/antropologia_dos_objetos_V41.pdf>. Acesso em 05/10/2012.

KÖHLER, Carl. **História do Vestuário**. Tradução: Jefferson Luís Camargo 2ª Ed.– São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (org). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Tradução: Agatha Bacelar. Niterói: EDUF, 2008, p. 89- 142.

LÉVI-STRAUSS, C. **Lección Inaugural I**. Collège de France, 1960. Tradução: Carlo Rafael Giordano. Reprodução da revista Aut Aut, nº 88, número especial dedicado ao antropólogo, 1965, p.7-41.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades**. Tradução Maria Lúcia Machado – São Paulo: Companhia das Letras, 10ª ed., 2007.

NASCIMENTO, Rosana. O objeto museal como objeto de conhecimento. Em: **A Historicidade do Objeto Museológico**. Cadernos de museologia nº03 - U L H T - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1994.

PINTO, Rogério Rezende. **Alfredo ferreira Lage, suas coleções e a constituição do Museu Mariano Procópio– Juiz de Fora MG**. Juiz de Fora: 2008. (Dissertação de Mestrado, História, UFJF) – Capítulo 2 “A coleção”.

POLLINI, Denise. **Breve história da Moda**. São Paulo: Editora Claridade, 2007.

RASPANTI, Márcia Pinna. Vestindo o corpo: breve história da indumentária e da moda no Brasil, desde os primórdios da colonização ao final do Império (pp.195 – 221). Em: **História do Corpo no Brasil/ Mary Del Priore, Márcia Amantino (orgs) – São Paulo: Editora UNESP, 2011**.

Revista EM VOGA, Juiz de fora, **Imagens do Passadon**. 146 03/2001, p. 09.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca dos trópicos**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras e Cores, 1998.

SOLA, Tomislav. **Identidade: reflexões sobre um problema crucial para os museus**. Cadernos Museológicos, n.1, p.25, U L H T - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1986.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

TRIBUNA DE MINAS. **O Museu Mariano Procópio**. Juiz de Fora: Tribuna de Minas, 1996. 120 p.

VACCARI, Alessandra. O vestuário nas artes decorativas e no design (pp. 97-108). In: SORCINELLI, Paolo (org). **Estudar a moda**: corpos, vestuários, estratégias. São Paulo: SENAC –SP, 2008.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Tradução: Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.